O ASILO DE ORFÃS DE CAMPINAS E O SEU 60º ANIVERSARIO

O TORNEIO LITERARIO DA SUA INAUGURAÇÃO

Na terça-feira, 15 de agosto, completa o Asilo de Orfãs, anexo à Santa Casa de Misericórdia de Campinas, sessenta anos de existencia. Não tenho à mão um relatorio que mencione, pelos registros da casa, o numero de meninas pobres e desvalidas que por ali tem passado e continua a passar desde a sua fundação, ideia da pelos homens que ali mantiveram aceso o facho da li dima caridade cristã ateado, desde 19 de novembro dede 1871, por d. Joaquim José Vieira, aquele tempo conheci do simplesmente pela sua alcunha - de que ele tanto se ufanava nos ultimos dias de vida- de "Vigarinho".

A chama inicial foi abençoada, porque a instituição recebeu o favor publico desde os seus pri meiros trabalhos, ergueram-se paredes de enfermarias e salas de aulas em torno da capela, e a Casa foi-se des dobrando em serviços uteis, em realizações esplendidas e continua sua magnifica atividade, curando doentes, con solando aflições, acolhendo orfãs e meninas desamparadas, difundindo a instrução preliminar, realizando, em suma, um verdadeiro apostolado de assistencia em que o zelo indefectivel das valorosas Irmãs de S. José com-- pleta e coroa o trabalho de irmãos e mesarios, a com petencia de medicos e enfermeiros e a atenção vigilante de mestras e educadoras do orfanato e dos cursos ex ternos.

Depois que se ergueu o Hospital, inaugura do festivamente a 15 de agosto de 1876, menos de cinco anos após o assentamento da primeira pedra, cuidou o fundador, d. Joaquim, de completar a obra com a fundação de um Asilo de Orfãs, mas, enquanto não podia instalar o Asilo, abriu um curso externo de instrução para meninas pobres. Nos primeiros anos o movimento foi muito além do que se esperava e as matriculas ascenderam a mais de 200. Os recursos, entretanto, não bastavam para atender a uma ampliação que se reconheceu ser indispensavel - nem, muito menos, para a instalação do Asilo de internas.

Pode-se bem avaliar, nos dias de hoje, o que seriam as dificuldades daqueles tempos, quando o aparelhamento da instrução popular era minimo e os governos monarchicos tão pouco faziam nessa descuidada seara. D. Joaquim, fundador da instituição e seu mais desvelado apostolo, teve que abandonar a direção da casa em abril de 1883, para ir assumir encargos apostolicos mais amplos e mais pesados como bispo do Ceará e transmitiu a direção ao dr. Valentim José da Silveira Lopes, mais tarde Visconde de S. Valentim, medico portuques que se estabelecera em Campinas e ali formara familia da qual vieram a destacar-se filhas illustres como d. Julia Lopes de Almeida e D. Adelina Lopes Vieira.

O visconde assumiu a Provedoria e o compromisso de fundar, logo que pudesse, o Asilo, obra que o Vigariño acalentava como realização complementar da primeira. Era um legado de encargos que o jovem bispo do Ceará transmitia

ao seu sucessor nestas palavras do ultimo relatorio apresentado à Mesa da Irmandade em 22 de abril de 1883 - (e basta um periodo para se medir a visãõ da obra de assistencia que aquele sacerdote paulista já então acalentava):

"Este estabelecimento, destinado a dilatar a luz da instrução e servir de abrigo às in felizes criaturas que, à mingua de recursos, deixam facilmente corromper-se e por sua vez se tornam focos de corrupção, só conseguirá seus fins quando grandes espiritos observadores dos males sociais derem expansão à generosidade de seus corações formando assim fundo cujos rendimentos bastem para manter um internato em grande escala.

"Até aqui, conquanto em externato, tem feito muito bem, cor respondendo em parte ao seu elevado fim - do que vós todos sois testemunhas."

Com a retirada de D. Joaquim passaram pela Provedoria nos anos seguintes o padre Francisco de Abreu Sampaio e o major Antonio Luiz Rodrigues, e pela Mordomia, então criada, José Pinto Nunes e o dr. Francisco A. Pereira Lima, medico mineiro, já no exercicio do cargo em 1889 por ocasião da primeira grande epidemia de febre amarela, que devastou a cidade, como já o fizera em Santos e causou um desmantelo geral em todas as suas fontes de riqueza e prosperidade.

Mas d. Joaquim, não obstante as preocupações

A inauguração foi motivo ou pretexto para novas festas, nova coleta de auxilios e novas e mais entusiasmadas expansões literarias nos jornais da terra. Foi lançada uma polianteia, que era vendida sem preço fixado. Dois dos adquirentes pagaram um preço fixado. Dois dos adquirentes pagaram um preço que bastou para cobrir a edição.

Velhos e novos prestaram sua colaboração. Pereira Lima abriu o panfleto com um breve apelo ao povo campineiro e agradecimentos pelo que já havia feito. O edificio com seus salões amplos e seus dormitórios a rejados, em que as caminhas das orfãs eram vistas em filas de dez em dez, foram abertos à visitação publica: a contemplação daqueles leitos alvos e das carinhas, já risonhas e alvoroçadas das meninas em seus uniformes a zuis, fez com que muitos olhos se fechassem para dar va são às lagrimas e muitas bolsas se abrissem para dar sai da a oferendas avultadas. A polianteia foi, como se escre veu, na ocasião, um "sucesso maravilhoso".

Para evitar uma inundação de composições literarias, fixou-se um tamanho maximo, a pretexto de falta de espaço: e os colaboradores surgiram de todos os cantos, moços e velhos, advogados e medicos, escri tores e jornalistas, sacerdotes e professores.

Os moços eram academicos de direito ou pre paratorianos e "formigões" a chamavam-se: Alfredo Pujol,

Alberto Sarmiento, Paulo Lobo, Cesar Bierrenbach, José Augusto Quirino dos Santos, Rumigões" e chamavam-se: Alfre
Pinto.

Jornalistas que, na propaganda republicana se digladiavam em debates chamejantes dos partidos monarqui
stas, ensarilhavam armas e apareciam nas colunas da e
dição ao lado dos antigos adversarios, irmanados pelas
mesmas aspirações. A desgraça do mal epidemico tivera, a
pós tantas lagrimas e tanto luto, aquela compensação, de
apagar ou atenuar odios e ressentimentos.

Já no ano anterior, quando a Monarquia esta
va em seus ultimos arquejos, a mesma auspiciosa fraterni-
zação se assinalara: ao lado de monarquistas como Policarpo
de Queiroz, João Egidio e Inacio de Lacerda, os republi-
canos Carlos Ferreira, Vieira Bueno, Antonio A. da Costa Ca-
Carvalho, Antonio Lobo, Tomaz Alves Filho, e Alberto Sarmen-
to davam a contribuição de suas penas, para aquela obra co-
mum de amparo aos necessitados. Os sonetos aparecem, cheios
de colorido sombrio, como que tarjados de luto, em 1889;mas
já reanimados e esperançosos em 1890. De todos eles o melhor
foi o que do Rio enviou a comissão o mestre Machado de Assis,
prova de que a hecatombe encontrara éco na capital da Republi-
ca nascente e no coração compassivo dos seus homens de letras.

Não se veste de exageros, negrumes, e trópos li-
terarios como tantas outras composições - nem era o mestre
Machado homem para paroxismos literarios, mas ~~parece~~ ~~parece~~ ~~parece~~

de estímulo e louvor bem merecido aos que estavam reali-
zando aquelas festas.

+ Recolhei, recolhei essas coitadas,
Tristes crianças, desbotadas flores,
Que a morte despojou dos seus culteres
E pendem já das hastes maltratadas.

Trocai, trocai as fomes e os horrores
Os despresos e as rispidas noitadas
Pelo afago dos peitos protetores.
Ensinai-lhes a amar e a ser amadas.

E quando a obra que enceitais agora
Avultar, properar subir ao cume,
Tornada em sol esta ridente aurora.

Sentireis ao calor do grande lume
Tanta ventura que, se fordes tristes,
Jubilareis da obra que cumpristes

...Assim, aquele plano de D. Joaquim José
Vieira, lançará 14 anos antes, plano que chegava à sua
realização completa, desdobrava-se e florescia no seu
fim mais alto com a criação do Asilo para receber orfãs,
para lhes dar teto, agasalho, alimento e instrução, em
uma palavra para suprir, com o desvelo das Irmãs de São
José o carinho materno e o aconchego do lar que a epide-
mia lhes roubara.

Bem escreveu Augusto Cesar, em setembro de
98, pondo em três linhas simples - pois não era nem escri-
tor nem jornalista - um pensamento gentil que ele proprio
dali para diante, converteu em realização pratica: " No
amor a meus filhos encontrei o mais poderoso incentivo pa

O ASILO DE ORFÃS DE CAMPINAS E O SEU 60º ANIVERSARIO
(cont.)

-fls 8 -

ra o trabalho em favor das orfãs". Neste 15 de agosto con-
sagrado pela Igreja à Assunção de Nossa Senhora, a Irman-
dade campineira se reúne jubilosa na velha e sempre moça
capela central para honrar seus benfeitores e acendrar
seus propositos de devoção aquela admiravel obra de assis-
tencia. Lá estaremos, para dar apoio que nos é pedido a
essa dignificante realização da caridade cristã.

Comiss. Paulistas, 13-VIII-1950